

JOSEPH SALVATI CUMPRIU  
30 ANOS DE PRISÃO POR UM  
CRIME QUE NÃO COMETEU.

A REVELAÇÃO MAIS  
CHOCANTE: QUEM O PÔS  
ATRÁS DAS GRADES.

# INOCENTADO

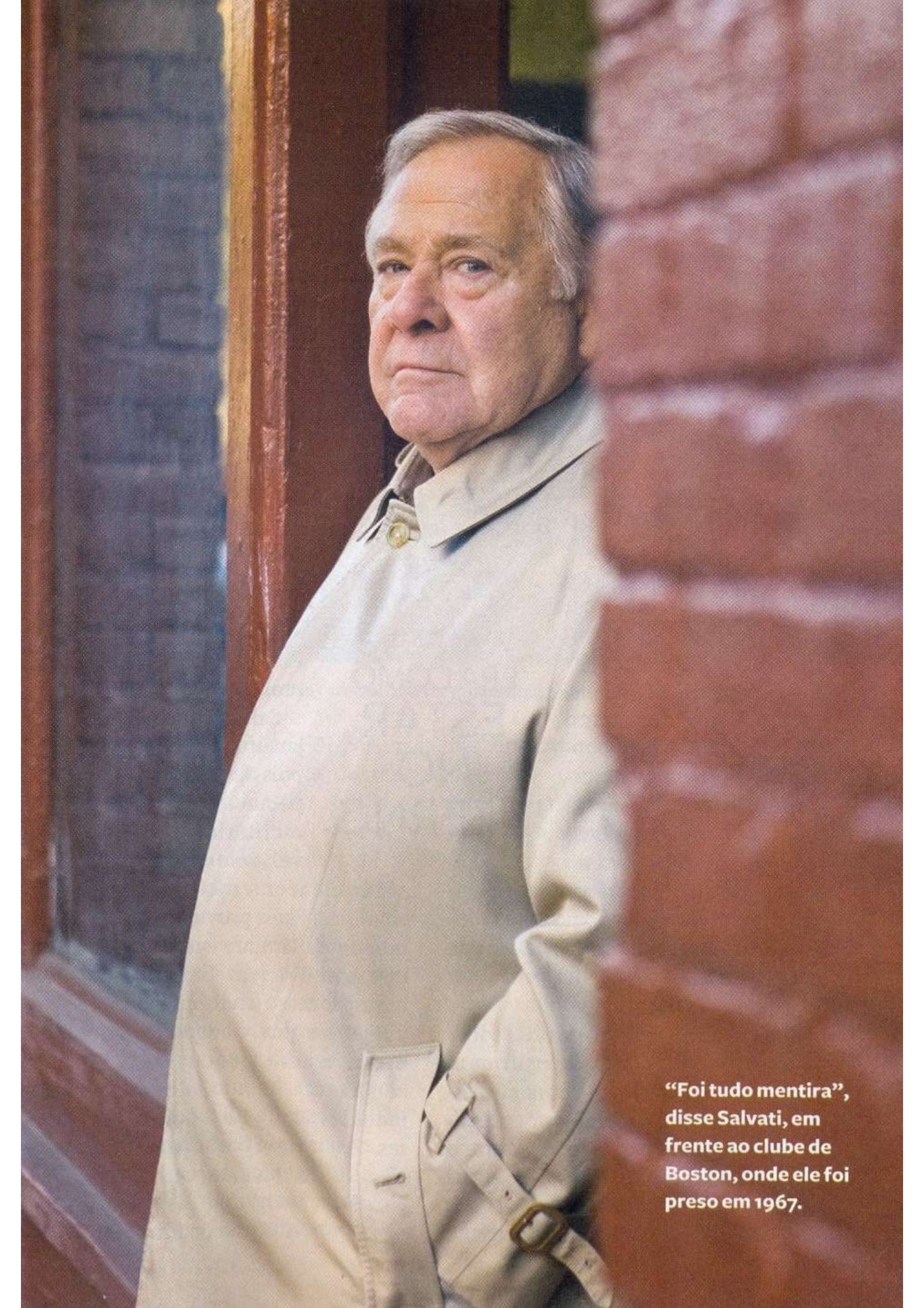
POR JAN GOODWIN

**D**ava para ouvir o tiquetaque do relógio na parede do tribunal e os gritos das gaivotas que voavam no céu de Boston enquanto os jurados, evitando os olhares pela primeira vez nos 50 dias de julgamento, passavam pelos seis homens no banco dos réus. Na véspera, os seis tinham sido condenados pela morte de Edward "Teddy" Deegan. O júri, agora, tinha de escolher entre a prisão perpétua ou a pena de morte. Com voz pétrea, o juiz Felix Forte, de 73 anos, dirigiu-

se aos quatro primeiros acusados, um de cada vez:

- Condenado a morrer na cadeira elétrica. - Fazendo um movimento com a mão para sugerir a corrente de 2 mil volts, acrescentou: - Na data marcada a eletricidade percorrerá seu corpo até a morte.

Joseph Salvati, de 35 anos, pai de quatro filhos pequenos, era o próximo. Condenado como cúmplice do assassinato, levantou-se, perplexo.



**“Foi tudo mentira”,  
disse Salvati, em  
frente ao clube de  
Boston, onde ele foi  
preso em 1967.**

O juiz Felix perguntou se ele tinha algo a dizer. Embora Salvati afirmasse inocência desde o início, murmurou:

- Não.

- Condenado a permanecer na Prisão Walpole até o fim da vida, sem possibilidade de liberdade condicional - disse o juiz naquele 31 de julho de 1968. Era um outro tipo de pena de morte. E ainda mais dura, porque Salvati e três dos outros cinco réus eram inocentes. E o pior: o FBI sabia disso o tempo todo.

**Em meados** da década de 1960, o crime organizado fervilhava na Nova Inglaterra, nordeste dos Estados Unidos. J. Edgar Hoover, o controvertido diretor do FBI, iniciara uma campanha para erradicar a Máfia, e os agentes de campo eram pressionados a conseguir informantes na organização criminosa. Os agentes do órgão em Boston logo se infiltraram no submundo do crime e formaram alianças com uma rede de gângsteres violentos, como Joseph "Animal" Barboza, agiota e matador de aluguel, com umas 30 mortes nas costas.

Embora ainda existam dúvidas sobre os tiros que mataram Deegan num beco, em 1965 - vários depoimentos indicam que o FBI sabia com antecedência e nada fez para impedir o crime -, hoje está claro que Joseph Salvati nada teve a ver com aquilo. Barboza admitiu ao seu contato no FBI, o agente

H. Paul Rico, que participara do assassinato. Mas, com a conivência de Rico, o matador de aluguel inventou uma história para proteger seu parceiro Jimmy "Urso" Flemmi e incriminar os acusados, dos quais apenas dois estavam realmente envolvidos.

Barboza, para quem foi criado o Programa de Proteção de Testemunhas, acabou assassinado pela Máfia em 1976.

Enquanto isso, Salvati passou décadas atrás das grades, impetrando recursos. Quando foi mandado à prisão, era um homem alegre, que amava a esposa e os filhos - e uma boa macaroonada regada a vinho junto dos amigos. Quando saiu, 29 anos e sete meses depois, era um bisavô de cabelos brancos.

Salvati foi inocentado em janeiro de 2001, um mês depois de uma força-tarefa especial ter investigado o escritório do FBI responsável pelos informantes da

Máfia e encontrado documentos escondidos. Estes provavam que pessoas inocentes tinham sido acusadas da morte de Deegan. Em julho de 2007, num processo civil iniciado pelas famílias dos quatro condenados injustamente, a juíza federal Nancy Gertner condenou o Estado a lhes pagar uma indenização de 101,7 milhões de dólares. "Assim que Barboza identificou os réus, [os agentes] teriam de saber que ele estava mentindo", escreveu a juíza na rigorosa decisão de 223 páginas. "As

**PEGAR PRISÃO  
PERPÉTUA, SEM  
DIREITO A  
CONDICIONAL,  
NUMA PRISÃO  
VIOLENTA  
COMO A  
WALPOLE,  
ERA COMO  
ESTAR  
NO  
INFERNO.**



**Attorney Victor Garo (à direita) trabalhou de graça na ação de Salvati por 30 anos.**

mais altas autoridades do FBI permitiram que seus funcionários desrespeitassem a lei, violassem regras e arruinassem vidas.”

– Roubaram-me três gerações da família, que cresceram sem mim, e uma vida inteira com minha mulher – diz hoje Salvati, sentado no modesto apartamento do North End, para onde a esposa, Marie, mudou-se há vinte anos, quando o dinheiro ficou curtíssimo. – Fiquei tanto tempo atrás das grades que, quando saí, meu pai tinha morrido e minha mãe estava com Alzheimer. Ela não me reconheceu.

Salvati enxuga as lágrimas no rosto.

– Sabe o que é nunca estar presente nas festas de aniversário, nas formatu-

ras, nos casamentos? Os joelhos ralados, os ossos quebrados, levar o filho para jogar bola? O governo roubou mais de 30 anos da minha vida.

**Depois de terminar** o curso secundário, sem formação profissional, Joseph Salvati trabalhava em três empregos, dez horas por dia, seis dias por semana, para sustentar a família.

“Eu era biscateiro”, diz. “Corria ao cais e ajudava a descarregar o peixe. Um trabalho duro. Mas dava para ganhar uns 60 dólares por semana. Descarregava caminhões no mercado de carne. Trabalhava como porteiro. Muitas horas de trabalho, mas 40 dólares de gorjeta eram 40 dólares!”

“Vivíamos de semana em semana”, conta Marie. “Não era fácil, mas Joe cuidava de nós o melhor que podia. Uma vez por semana comíamos *pizza* com os garotos, às vezes íamos ao cinema. Mas o orçamento mal cobria despesas inesperadas, como o tratamento médico da filha Lisa Marie, que nasceu com síndrome de Down, em 1959, e morreu dois meses depois por causa de problemas cardíacos.

Salvati, de origem predominantemente ítalo-americana, como os vizinhos do North End, às vezes pedia dinheiro emprestado ao agiota local, que confiava que todos pagariam quando pudessem. Certo dia, o agiota disse a Salvati que suas contas tinham sido passadas para alguém da máfia: Joseph Barboza. A dívida de 400 dólares tinha de ser paga imediatamente, mas Salvati não tinha o dinheiro.

Quando Barboza mandou dois homens fazerem a cobrança, um deles armado com um bastão de beisebol, Salvati agarrou o bastão e pôs para correr os dois brutamontes. É claro que essa foi a origem da raiva que Barboza tinha de Salvati, que logo recebeu a visita de um advogado da Máfia. “Tenho uma mensagem de Joe Barboza para você”, disse o advogado. “Ele disse para você tomar cuidado. Muito cuidado.”

As guerras entre mafiosos vinham fervendo havia alguns anos na vizinha Charlestown e no bairro de Winter Hill. Deegan foi vítima de um dos frequentes banhos de sangue. Em outubro de 1967, dois anos depois do assassinato de Deegan, Salvati ajudava

## QUEM É QUEM

Quatro homens pagaram por um crime que não cometeram. Em 2007, uma juíza federal determinou o pagamento de indenização às famílias dos condenados, mas pode haver recurso.

### Vítima



**Edward Deegan foi morto em 1965, numa briga de quadrilhas em Boston.**

### Injustamente condenados pelo crime



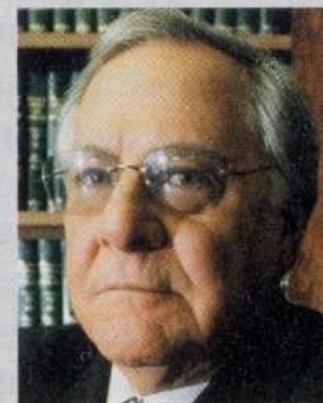
**Louis Greco morreu na penitenciária**



**Henry Tameleo morreu na prisão**



**Peter Limone foi solto em 2001**



**Salvati conquistou a liberdade em 1997**

um amigo a carregar móveis para dentro de um bar, no bairro operário onde morava, quando foi procurado por Frank Walsh, sargento da polícia que conhecia desde que era um guardinha recém-efetivado.

- Joe, tenho uma ordem de prisão contra você - disse Walsh, e começou a ler: - Assassinato de Teddy Deegan.

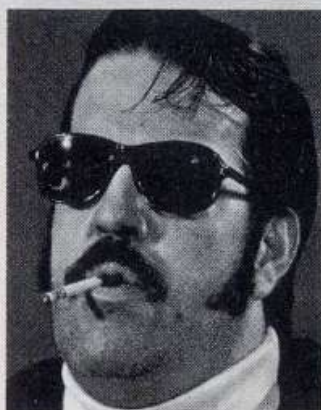
- Quem é Teddy Deegan? - perguntou Salvati, espantado. Antes que respondessem, foi preso.

**Marie passeava** com o caçula, Anthony, de 5 anos, quando recebeu a notícia.

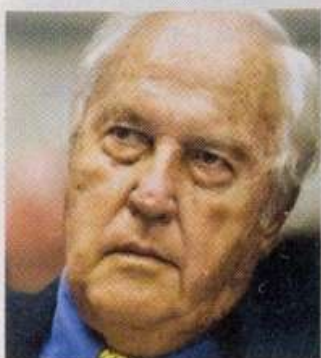
"As pessoas me pararam na rua e disseram: 'Marie, estão investigando um crime e Joe foi preso.'" Ninguém sabia detalhes, só diziam que era coisa do crime organizado.

Apavorada, mas certa de que o marido ligaria para contar que

### Conspiradores



**Joseph Barboza** acusou inocentes



O agente Rico, do FBI, ajudou a ocultar a verdade

### Juíza



Em julho de 2007, a juíza Nancy Gertner concedeu uma indenização de 101,7 milhões de dólares no processo da Justiça Civil

fora tudo um engano, ela buscou os outros filhos na escola e correu para casa.

"Joe me mandou notícias por um amigo. Disse para eu não me preocupar, que logo tudo seria esclarecido e ele estaria livre." Mas, detido sem direito a fiança durante dez meses antes do julgamento, ele não voltou para casa.

Um amigo organizou uma rifa e arrecadou 1.100 dólares para a defesa de Salvati. A quantia só foi suficiente para pagar um advogado recém-saído da faculdade. "Ele não parava de perguntar meu álibi e eu não parava de lhe dizer que não tinha", conta ele. "Inocentes não precisam de álibis."

A história de Salvati - de que Barboza envolveu-o falsamente no assassinato de Deegan - caiu em ouvidos moucos no tribunal. "Barboza tinha sua gangue", diz Victor Garo, que assumiu o caso de Salvati em 1977 e envelheceu com o cliente, lutando pela sua inocência sem cobrar um tostão. "Era capaz de lhe dar um tiro na cabeça, mas o FBI queria que todos acreditassem que no tribunal ele nunca mentiria para escapar. E funcionou."

**A penitenciária de segurança** máxima de Walpole, a 40 quilômetros de Boston, era famosa pela violência. Os presos apanhavam, recebiam comida com insetos e eram ameaçados de morte. Era comum a ocorrência de motins, e o confinamento na solitária podia durar semanas. Para os condenados à prisão perpétua, como Salvati, o lugar era um verdadeiro inferno.

Ele costumava se enfiar na cela minúscula, onde só cabiam o catre, uma

pia e o vaso sanitário, para fugir à violência frequente. Sozinho, chorava de preocupação com Marie e as crianças.

Joe nunca contou a Marie como era a vida lá dentro. Ela, por sua vez, protegia-o dos problemas do lado de fora.

“Tínhamos um pacto”, conta Marie. “Ele cumpria a pena e eu cuidava da família.” Ela arranhou emprego no programa Head Start, de apoio a famílias de baixa renda. A princípio, mal ganhava o bastante para pôr comida na mesa.

“No Natal, quando chegaram roupas e brinquedos doados, perguntei se podia levar alguns para meus filhos. Senão, não ganhariam nada.” Com o tempo, foi promovida a diretora.

### **Salvati já havia cumprido**

dez anos de pena quando Victor Garo ouviu falar dele. A princípio, não quis se envolver. Era um advogado especializado na defesa de criminosos do colarinho branco, tratando de fraudes de seguro e corrupção política, não de crime organizado. “Não me diga que é inocente”, pediu ele no primeiro encontro. “Só me conte os fatos.” Eles conversaram durante três horas. Quando soube que Barboza foi a única testemunha do julgamento e concluiu que as provas eram muito falhas, Garo concordou em apresentar o recurso de Salvati.

Pediu um adiantamento de 1.500 dólares, mas, ao descobrir que Marie teria

de pedir o dinheiro emprestado, decidiu trabalhar de graça.

“Meus amigos me chamaram de maluco”, lembra o advogado. “Você vai enfrentar o governo federal, a delegacia do FBI em Boston, o Departamento de Justiça, o promotor-geral da República, a diretoria do FBI”, diziam. Posso não ser o melhor advogado do mundo, mas acreditava no que estava fazendo.

### **No fim da década de 1980,**

meses antes de morrer, Kay, mãe de Garo, que era uma de suas secretárias, fez o filho prometer que defenderia Salvati até que ele recuperasse a liberdade. Trabalhando sozinho, Garo apresentou vários recursos, e Salvati, que já era avô, agarrou-se à esperança de que a justiça seria feita. Sua neta mais velha, hoje com 35 anos, se lembra de esperar no tribunal, em 1989, na esperança de que o pedido de comutação da pena fosse atendido. “Meu avô saiu do elevador com algemas nos punhos e correntes na cintura e nos pés. Ele só

**“MEU AVÔ SAIU DO ELEVADOR COM ALGEMAS NOS PUNHOS E CORRENTES NOS PÉS. ELE SÓ BAIXOU OS OLHOS E FOI LEVADO ÀS PRESSAS.”**

baixou os olhos, e foi levado às pressas. Ninguém gosta de ver uma pessoa da família algemada, principalmente quando ela é inocente.

Certa vez, Salvati ofereceu o divórcio a Marie.

– Se pedir o divórcio, eu não vou contestar – disse ele. – Não vou ficar aqui só um ou dois anos. Vou ficar a vida toda.



**“Ela era a sustentação que nos mantinha unidos”, diz Salvati sobre sua mulher, Marie (em casa com a filha Sharon e o neto Michael).**

– Está louco? – respondeu Marie. – Prometi ficar a seu lado nos bons e nos maus momentos. Nós nos amamos.

Assim como Marie nunca deixou de fazer a visita semanal, o marido nunca deixou de mandar um cartão toda semana, comprado com o salário de preso de 15 centavos por dia. “Ano que vem, talvez estejamos juntos”, escrevia. Ou então: “Penso o tempo todo no quanto eu te amo. Assim, nunca estou só.” Cada cartão ficava em cima da televisão até o seguinte chegar.

Garo imagina que passou 30 mil horas investigando a morte de Deegan. A reviravolta aconteceu quando en-

controu um relatório policial desaparecido, escrito logo depois do crime, indicando que um informante ligado à Máfia citara Barboza e Flemmi como os homens que saíram naquela noite de um restaurante com intenção de matar Deegan. O relatório não citava Salvati. “Para o FBI, era mais importante proteger seus informantes assassinos”, revela Garo, “do que proteger um pai de família inocente.” Em 1997, Garo conseguiu para o cliente a comutação da pena em liberdade condicional e saiu com ele da prisão, com três gerações de Salvatis à espera. Antes de irem para casa, Salvati e o ad-



vogado pararam no Cemitério de Oak Grove, para pôr rosas no túmulo de Kay Garo. “Mãe, cumpri minha promessa”, disse o advogado.

Ainda seriam necessários quatro anos para que todas as acusações contra Salvati fossem anuladas e mais seis até que o juiz determinasse quanto valiam, em dólares, os 30 anos de sua vida.

Pelo que se acredita, os 101,7 milhões de dólares de indenização a Salvati e aos outros réus são o valor mais alto já pago por condenação e prisão indevidas. (Henry Tameleo, outro réu no julgamento, morreu na prisão em 1985, e Louis Greco, veterano condecorado da 2ª Guerra Mundial, em 1995; a parte deles na indenização vai para o seu espólio.) Espera-se que o Departamento de Justiça apresente recurso, apesar do pedido de desculpas à família feito pelo deputado Dan Burton, que comandou a investigação de três anos como presidente do Comitê Parlamentar de Supervisão e Reforma do Governo. Não houve pedido de desculpas do agente do FBI H. Paul Rico. O agente, que morreu em 2004 à espera do julgamento de outras acusações de assassinato, nunca foi punido.

**Salvati, hoje com 75 anos**, sabe que talvez não viva o bastante para ver o dinheiro da indenização. Mas, um mês depois de ser solto, começou a compensar o tempo perdido assistindo ao parto do nono neto, Michael.

Salvati ainda acha o máximo escolher a hora de dormir e acordar. “Fico feliz só por ser capaz de andar para onde quero”, diz ele. E admite que muitas vezes volta a caminhar de um lado para o outro, como fazia quando estava preso, para se exercitar. Ele passa as próprias roupas porque, na prisão, tudo ficava amassado. Ele e Marie aproveitam o tempo todo o prazer de estarem juntos e com a família, capazes de se abraçar e de abraçar os filhos.

“Somos gente simples, nada materialistas”, diz Marie, hoje com 73 anos. “O dinheiro nunca foi importante. O importante era provar a inocência de Joe e recuperar o nosso bom nome. Se um dia recebermos o dinheiro, não vai significar muita coisa para nós. Ele vai para um fundo de poupança para os filhos e netos, para poderem estudar e ter uma vida melhor, ter tudo o que não tiveram enquanto Joe não estava aqui.”

## ANDANDO NAS NUVENS

**Depois de um árduo** dia de trabalho, fui dar uma volta com meus dois filhos pequenos. De repente, vi um chaveiro na calçada e levei-o até a delegacia. Após subir e descer escadas até o departamento certo, entreguei as chaves e voltei para casa. Ao chegar, vi que estava sem as minhas próprias chaves! Eu as tinha entregado na delegacia!

*Brandy Murley, Nova Zelândia*

